

ROMANTISMO E NATUREZA EM HUMBOLDT: UM BREVE DEBRUÇAR ANALÍTICO

Fabrizio Pedroso BAUAB¹

A elaboração do presente artigo deu-se enquanto parâmetro inicial para o aprofundamento do tema em questão em um trabalho de dissertação que estamos dando contornos no Curso de Pós-graduação da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente. Assim, esperamos que as preposições aqui presentes consigam ir ao encontro das expectativas do leitor, apesar da necessidade inerente que sentimos de aprofundamento do assunto aqui proposto.

Sem mais argumentações, gostaríamos desde logo de principiar este escrito dizendo que controvérsias sobre os requisitos filosóficos encontrados nos trabalhos de Alexander von Humboldt (1769-1859) não são inexistentes. Porém, é justamente esta falta de consenso que nos estimulou a realizar este artigo e a já referenciada dissertação.

Apesar das controvérsias que circundam a produção humboldtiana (ou a análise dela), uma série de autores destaca a influência do denominado Romantismo Alemão sobre as formulações deste precursor da ciência geográfica. Capel, por exemplo, reconhece em Humboldt três influências latentes:

*“dos de ellas científicas - botânica y la geognosia - y una tercera de carácter filosófico y literario - el idealismo y el romanticismo”.*²

Nesta perspectiva, tentaremos buscar de forma apenas introdutória alguns percursos românticos presentes em algumas divagações de caráter poético-contemplativo do referido geógrafo (cabe dizer que Humboldt é intitulado de geógrafo apenas por estudiosos de sua obra, já que ele próprio se considerava como o agente criador de uma nova ciência que transcendia em amplitude o campo das formulações geográficas, implicando no estudo de todos os fenômenos que abraçam a superfície terrestre e o próprio Universo) sendo que, para isso, uma melhor caracterização do Romantismo

¹ Mestrando em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP campus de Presidente Prudente, SP.

² CAPEL, Horácio. *“Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea: una introducción a la Geografía”*. Barcelona: Barcanova, 1981, p.07

se faz importante, assim como o próprio contexto histórico no qual aflorou a contribuição científica deste prussiano.

O movimento romântico surgiu na Europa já no século XVIII com a ebulição de uma série de concepções ditas atrasadas de mundo, isso se comparadas com o culto (às vezes irracional) da razão. Portanto, em meio às "luzes" irradiadas pelos adeptos da Ilustração e em meio a concepção mecanicista que as contribuições de Isaac Newton forneceu para a Natureza, tivemos a proliferação substancial de uma série de valores que a crescente elite intelectualizada sob os auspícios do Humanismo havia se esquecido, ou ao menos refutado: o gosto pelo místico, da sensibilidade, da livre fluência da imaginação, do culto do irracional, de mitos e lendas vistos com nostalgia, da interiorização enquanto meio mais eficiente para a interpretação da realidade. Tais perspectivas românticas vieram a dar um novo significado a Arte, que foi tomada como meio mais efetivo para explicar a realidade sem romper a interpretação interiorizada de mundo presente no artista. A poesia é a mola mestra deste contexto. O poeta, o sacerdote dotado dos dons mais puros para manifestação do real. O gênio surge como tipo ideal intuitivo de ser, que agrupa em torno de seu vulto misterioso os elementos tão necessários para o estabelecimento de vínculos entre os homens e um todo absoluto que parece agir sobre todas as coisas. Geralmente, o poeta é o ser mais propício a desenvolver os dotes de um gênio. É o ser que pode prestar um grande serviço à ciência: substituir sua fria roupagem matemática por um revestimento poético que consegue ver a Natureza enquanto um todo harmônico e orgânico, não enquanto uma entidade despossuída do divino por uma mera interpretação estática e taxonômica. Assim, o comportamento espiritual do romântico caracteriza-se pelo

*"...acento impulsivo de sua sensibilidade conflitiva, é a aspiração do infinito, como anseio vago e indefinido - que a palavra Sehnsucht exprime - como indeterminação do desejo, amor da infinitude pela infinitude, e da procura pela procura, que transbordou na ironia da forma e da vida."*³

As características acima citadas tiveram um adensamento muito mais voraz no seio da sociedade germânica (berço da Geografia) por uma série de fatores englobados por uma perspectiva mais ampla alicerçada no fato de que a Alemanha, tanto no século XVIII como em boa parte do XIX, era uma mera passageira que havia perdido o trem da história que levava

consigo o desenvolvimento do modo capitalista de produção. Enquanto a Inglaterra, e em menor grau a França, se esbaldava com a instituição crescente de valores e relações típicos de uma sociedade capitalista, a Alemanha, no período já evidenciado, ainda estava alicerçada sobre o solo senil do ideário medieval, fator este que impediu a proliferação dos ideais Iluministas e que permitiu a consagração do poeticamente rico movimento romântico.

A Geografia ganhou um *status* científico em meio a este contexto de prevaletimento do ideário romântico embasado, como já salientamos, em uma luta contra a rigidez analítica das cientificamente viáveis interpretações materialistas de mundo. Portanto, podemos, neste ponto, identificar uma discrepância escancarada: como uma ciência pode surgir em um meio circundado por um fervor apaixonado calcado em uma explicação irracional e, em muitos casos, fantasiosa de mundo?

A resposta para tal indagação é de difícil solução (livros inteiros foram escritos sobre o assunto e tiveram conclusões dotadas de sucesso) e implica em um conhecimento significativo da realidade histórica germânica e da luta de sua aristocracia prussiana de unificar, em nome do desenvolvimento de um já encorpado capitalismo, territórios dispersos e de afloramentos econômicos destoantes. O que nos interessa aqui, é reviver a produção científica humboldtiana e os pressupostos românticos presentes nela, sendo que, no entanto, não devemos voltar as costas para o envolvimento deste explorador com o recém referenciado interesse germânico na consolidação de um Estado Nacional autônomo (para tal feito, a Geografia ganhou em relevância, por cuidar dos requisitos territoriais tão necessários para uma elite desejava em unificar o que estava fragmentado - este é, com certeza, um dos aspectos que propiciou o desenvolvimento da ciência geográfica em um contexto marcado pelo abstratismo romântico) e, posteriormente, tornado agressivo com o comando ousado e bélico de Otto von Bismarck.

Humboldt foi dotado de todo o cabedal científico que aglutinava os esforços científicos de sua época, tendo feito esforços significativos no intuito de dar credibilidade provadora em seus argumentos. Tanto em seu *Cosmos* como em seu *Quadros da Natureza*, encontramos a análise de fenômenos diversos (Geomagnetismo, estudos em Oceanografia, estudos paisagísticos com grande erudição botânica, entre outros) balizada por inúmeros dados obtidos empiricamente em suas viagens e por consulta em trabalhos de referencial obrigatório da época. Dados estatísticos e experimentais são constantes em suas citações, sendo que Capel, em obra já citada indica que tais aplicações são substanciadas pelo método científico

³ NUNES, Benedito. "A visão romântica". In.: GINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 68.

empírico-indutivo sobreposto sobre a racionalização das observações feitas através da busca quase esgotada de comparações e combinações e pela interpretação indutiva do rol numérico obtido. Assim, quando dizemos que são identificáveis em Humboldt uma série de implicações de um movimento romântico que considerava a Arte como superiora à ciência, não devemos cair no abismo equívoco de taxá-lo de não científico. Na verdade, o que mais pode fascinar em Humboldt é justamente essa associação aparentemente impossível entre o rigor científico e uma interpretação às vezes romântica do fenômeno contemplado. O momento em que Humboldt, diante do sua concreta normatização científica, consegue ser romântico em suas dissertações acerca da Natureza é tentaremos mostrar a seguir.

No livro dois, de sua obra *Quadros da Natureza*, intitulado *Cataratas do Orenoco-Aturés e Maipurés* encontramos, logo no seu início, um parágrafo que bem ilustra os denominadores que aqui pretendemos demonstrar. Diz Humboldt:

Nesta harmonia baseiam-se os mais nobres gozos que a natureza nos oferece. Em parte alguma nos comovemos mais com o sentimento de sua grandeza, em parte alguma nos fala a voz mais poderosa do que sob o céu da Índia segundo a designação vulgar do clima da zona tórrida, nos primeiros séculos da Idade Média. Atrevo-me a esperar, por conseguinte, que a Academia em si se mostrará indiferente ao encanto particular que em si contém uma nova descrição de tais regiões. A recordação de um país distante e abundante em todos os dons da Natureza, o aspecto de uma vegetação livre e vigorosa, reanimam e fortificam o espírito; oprimidos pelo presente, deleitamo-nos em fugir dele para gozar dessa singela grandeza que caracteriza a infância do gênero humano".⁴

Os dizeres de Humboldt acima reproduzidos expressam, em variados momentos, características bem peculiares ao movimento romântico. A primeira delas, expressa logo no princípio da citação, demonstra claramente uma concepção de Natureza assentada sobre a noção de harmonia. Tal harmonia, objeto de uma contemplação que para Humboldt transcende a mera observação efetuada pelos órgãos de visão, é sentida por uma "reflexão do mundo físico no íntimo de nosso ser". Assim, no parágrafo anterior a este citado, Humboldt afirma:

"...as descrições da natureza impressionam-nos tanto mais vivamente, quanto mais em harmonia com nossa sensibilidade; porque o mundo físico se reflete no mais íntimo de nosso ser, em toda a sua verdade".

Claramente, Humboldt aqui compartilha com um ideário de latente existência dentro das aspirações românticas. Tal ideário é o que diz respeito à forma pela qual o artista, personalidade dotada de uma sensibilidade privilegiada no que concerne à busca de transcrição da essência da Natureza, deve apreender as sensações emitidas pela Natureza de forma interiorizada, em uma espécie de fusão mística. Assim,

"volta-se então à natureza, mas a uma natureza que deve ser compreendida pela interioridade... Trata-se, como se vê, de uma natureza com o qual o espírito tende a confundir-se, desenvolvendo uma espécie de volúpia (no caso de Humboldt um "gozo") cósmica".⁵

Desta maneira, tivemos a oportunidade de perceber somente nestas poucas palavras reproduzidas, uma concepção de Natureza com um forte paralelo romântico, dado o fato de que para o autor de *Cosmos* o estudo dos fenômenos referentes ao meio natural vai muito além de uma mera compilação de dados e formulação de leis. Para ele, a Natureza, além de ser objeto de estudo científico, é uma união orgânica e de funcionalidade harmônica que age profundamente sobre o indivíduo, fazendo-o atingir um estado de espírito posto pela Natureza e as suas "misteriosas relações com a vida íntima do homem."

Humboldt também, somente neste parágrafo, acaba por demonstrar outra significativa alusão às perspectivas românticas quando, em tom de divagação poética, diz que

"em parte alguma nos comovemos mais com o sentimento de sua grandeza, em parte alguma nos fala com voz mais poderosa do que sob o céu da Índia, segundo a designação vulgar do clima da zona tórrida, nos primeiros séculos da idade Média".

Após a leitura deste trecho, ficamos, sem dúvida alguma, com a sensação de que a Natureza nos fala, nos transmite todo o esplendor de sua grandeza através de uma linguagem que não atinge somente os nossos ouvidos; tal linguagem atinge, sobremaneira nosso espírito, nossa alma.

⁴ HUMBOLDT, Alexander von. *"Quadros da Natureza"*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., Vol. I, 1957, p. 212.

⁵ BORNHEIM, Gerd. "A filosofia do Romantismo". In: GINSBERG, J. op. cit, p.81.

Nunes afirma, com base em Novalis, que para o romântico "o universo inteiro fala e os corpos são os signos de sua linguagem".⁶

Um dos fatores dignos de destaque, já citado brevemente por nós, é o fato de que para muitos autores, Humboldt teve o mérito de promover um acentuado rompimento com as perspectivas mecanicistas que explicavam os componentes naturais como verdadeiras engrenagens que trabalhavam para a manutenção de uma Natureza vista como uma máquina feita a semelhança das invenções humanas. O Romantismo, neste caso, contribuiu significativamente para o rompimento que Humboldt efetuou para com essa concepção dominante com base nas formulações de Isaac Newton e René Descartes. Os românticos viam o mecanicismo enquanto um entendimento extremamente estático e revestido por uma roupagem fria e pobre no trato com o real. Tendo em vista essa crítica, optaram por ver a Natureza como o "espírito visível", na aceção de Schelling, espírito este movido por uma força vital que dá à Natureza uma dinâmica de funcionamento que muito se assemelhava a um organismo; não um organismo estático, mas sim dinâmico, e em constante evolução. Humboldt adotou tal concepção e, assim como os românticos de seu tempo, estendeu-a para a sua visão de Universo enquanto fusão de partes integradas que formavam-lhe enquanto manifestação harmônica do Todo. Sobre isso, Schaefer⁷ nos fala:

"Não há nada mais característico no romantismo do que a aspiração a uma perfeição sinótica do Universo. O Kosmos de Humboldt, e sua dedicação à cosmologia em geral, poderão, pois, ser facilmente compreendidos como seu tributo ao romântico "Zeitgeist" 7.

Ainda no que se refere a esta ruptura com as concepções mecanicistas de Natureza, alguns autores chegam a ressaltar que Humboldt foi o elo, o ponto de conexão entre tal perspectiva e as posteriores investidas evolucionistas trazidas à tona por Charles Darwin. Capel inclusive chega a ressaltar que Humboldt foi uma espécie de pioneiro em fugir da rigidez taxonômica presente nos trabalhos científicos de sua época. Nesta perspectiva,

"Humboldt pertence ya por esta visión histórica y dinámica de la naturaleza la nueva era científica, la que en el siglo XIX

⁶ NUNES, Benedito. "A visão Romântica" In: GINSBURG, J. op. cit. p.59.

⁷ SCHAEFER, Fred K. "O excepcionalismo na Geografia: Um estudo metodológico". *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, número especial, 1976, p. 9-49.

*conducirá a ese descubrimiento fundamental de la ciencia contemporánea que es el evolucionismo."*⁸

Todas estas premissas levantadas no sentido de se buscar um entendimento mais fecundo acerca da concepção de Natureza de Humboldt e a associação desta com o Romantismo desenvolvido na Alemanha realmente demonstraram, mesmo que em breves linhas, algumas relações mais efetivas entre o objeto de estudo que aqui nos propomos a desenvolver. A relação deste célebre cientista alemão com o já referenciado movimento é de difícil delineamento. O que se tem enquanto ponto consensual é que Humboldt possui em toda a sua obra uma série de elementos levantados por Goethe e Schelling no que se refere ao trato específico da Natureza. Do primeiro, Humboldt herdou uma série de posições que eram embasadas no romantismo e eram, ao mesmo tempo, substanciadas por idéias que transcendiam tal perspectiva de pensamento. Do segundo, Humboldt herdou uma visão que se não chega a ser panteísta, chega a flertar com tal perspectiva na busca de "altas aspirações" no trato da Natureza:

"Como este (o oceano), as charnecas enchem também a alma com o sentimento do infinito, desligam-na das impressões materiais que produzem os espaços limitados, e elevam-na nas mais altas aspirações".⁹

Podemos melhor ilustrar a influência destes dois célebres pensadores alemães sobre o vulto da obra humboldtiana a partir das seguintes argumentações:

Humboldt considerava como primordial em sua obra uma perspectiva que Schaefer, em seu trabalho já citado, denominou de corográfica ou corológica. Tal perspectiva visava o estudo da manifestação fenomenal em áreas bem delimitadas. Estudava-se, portanto, as ocorrências de fenômenos em áreas bem particularizadas. Feito isso (capturados os fenômenos dados em escala local) Humboldt achava de relevância significativa e indispensável a busca de relações destes fenômenos que eram rebuscados e singularmente estudados nesta primeira perspectiva corológica. A partir desta nova ênfase relacional buscava-se a compreensão de um todo planetário através da busca certa das conexões entre os fenômenos estudados em áreas aparentemente dispares. Sobre isso, Moraes afirma que

⁸ CAPEL, Horácio. op. cit. p. 10.

⁹ HUMBOLDT, Alexander von . op. Cit., vol. I p.6

"Humboldt defendia o conceito de unidade da natureza e achava que o objetivo da pesquisa científica deveria sempre ser a descoberta da conexão causal entre os fenômenos".¹⁰

Esta busca de uma conexão causal entre os fenômenos da Natureza na tentativa de se chegar a uma totalidade ampla é apontada por Simmel como uma das características mais marcantes de Goethe na sua concepção de que nossos sentidos, na captação da essência dos atributos naturais, ou melhor, naquilo que o poeta alemão chama de Idéia, não se restringem aos olhos (já discorreremos sobre isso lá atrás) e estão fincados nos atributos inatos dos homens. Desta forma,

"Si la naturaleza dió al hombre los sentidos que él encuentra em sí, precisamente com ellos y com su uso normal trazado por ellos mismos, se incorpora a la unidad del todo".¹¹

Portanto, temos em Goethe uma perspectiva de busca do conhecimento da unidade da Natureza através das informações dadas pelos sentidos, sendo que este aparato sensível de captação daquilo que a Natureza "nos fala" é amplamente utilizado por Humboldt em sua visão estética de contemplação e intuição intelectual (intuição esta amplamente discutida por Schelling) como fundamento principiante na busca da gênese de leis para a explicação da distribuição espacial dos mais diferentes fenômenos.

Aqui, justamente neste ponto, encontramos uma tendência que atua de forma a distinguir Humboldt e Goethe de uma premissa presente em quase todos os românticos. O romantismo, em sua análise do real, sempre partia de um abstratismo que tendia a criar construções meramente mentais e descoladas do mundo externo para explicar a exterioridade dos fatos, aquilo que Marx e Engels criticaram vorazmente em sua *Ideologia Alemã - teses sobre Feuerbach* com a argumentação sólida de que na construção da realidade concreta os responsáveis

"são os individuos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação. Estas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empirico".¹²

¹⁰ MORAES, Antônio Carlos Robert de. "A gênese da Geografia Moderna". São Paulo: Hucitec, 1989, p.33

¹¹ SIMMEL, Georg. "Goethe". Buenos Aires: Editorial Nova, S/D, p.62. Colección "La vida de los espíritus"

¹² ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. "A ideologia Alemã- teses sobre Feuerbach". São Paulo: Moraes, 1984, p.14

Assim, toda esta subjetividade romântica muitas vezes se transformou em concepções refutadas por Humboldt e Goethe, já que ambos não desprezavam o empirismo acima assinalado pelos pais do socialismo científico. Humboldt, apesar de sua linguagem e divagações de coerência com o referenciado movimento, não dispensava a abordagem empírica. Esta, por sinal, foi a condutora de inúmeras viagens que efetuou durante os seus quase noventa anos de vida. Já Goethe, por seu turno, apesar de todo Romantismo de suas argumentações, achava como arguição fundamental o uso da Química e da Física enquanto instrumentos que legitimavam o entendimento do fenômeno pelo fenômeno. Contudo, sua simpatia para com a Ciência se desvanece quando diz que a captação do que vai além da forma é de uma complexidade muito mais ampla, ficando a cargo do verdadeiro artista e de sua sensibilidade apurada. Nestes termos, a Arte, assim como em Schelling e em Schopenhauer, ganha um peso mais significativo no estabelecimento de clarificações acerca da realidade.

A partir das argumentações trazidas à tona por nós ao longo do texto, podemos concluir que a relação entre a concepção de Natureza de Alexander von Humboldt presente em sua obra *Quadros da Natureza* (concepção esta que para muitos autores não se difere daquela presente no *Cosmos*) e o Romantismo, restrito neste trabalho ao alemão de mais lógica influência, realmente se faz existente em um vínculo estreito. É claro que não queremos cair na presunção de termos esgotado tal assunto - comprovamos algumas influências mais claras, que saltam aos olhos do observador sem que este tenha uma visão profunda do tema aqui exposto - e sim de termos levantado questões que possam vir a ser esmiuçadas com mais requinte teórico (pretendemos fazer isso em nossa dissertação) por trabalhos de temáticas semelhantes. Na verdade, o que queríamos deixar aqui registrado é o fato de que a busca de compreensão dos autores chamados de "clássicos" graças à magnitude e teor de desbravamento de suas contribuições nunca deve vir revestida da falsa perspectiva de que o que é novo é bom, o passado é passado e o contexto das formulações primeiras era outro, tornado "fictício" em um mundo atual de produção fabril de conhecimentos. Acreditamos, desta forma, que só o fato de Humboldt buscar uma visão totalizadora no que concerne à Natureza já é, com certeza, algo digno de destaque, seja tal busca influenciada pelo Romantismo, pelo Iluminismo (o que comprovadamente não foi, apesar do autor não se mostrar alheio à Ilustração, pois viveu cerca de vinte anos em Paris) ou por qualquer outro norteador ideológico. Devemos, sim, olhar com os olhos do crítico as formulações ditas clássicas, mas devemos nos ater ao fato de que, no caso específico de Humboldt, a busca de compreensão do mundo transcendia em

muitos casos a fragmentação que a especialização científica promove nos dias de hoje (é claro que naquela época, primeira metade do século XIX, ser enciclopédico não era tão impossível quanto o é hoje) e, acreditamos, que talvez esta busca pelo Todo, tão evidenciada pelos românticos que perderam-se na “via fluida de um chão sem alicerce material” não seja um mecanismo a ser rebuscado visando até uma percepção mais fecunda dos objetos que circundam nossa escala diminuta de sobrevivência. Talvez.

Bibliografia

- CAPEL, Horácio. *Filosofia en la Geografía Contemporánea: una introducción a la Geografía*. Barcelona: Barcanova, 1981, 509p.
- ENGELS, Friedrich & MARX, Karl. *A ideologia alemã. Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984, 119p.
- GINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1972, 324p.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros da Natureza*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Vol. I, 1957, 343p.
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. *A gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: Moderna, 1989, 206p.
- SCHAEFER, Fred K. O excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico. *Boletim Carioca de Geografia* (número especial). Rio de Janeiro, 1976, p.09-49.
- SIMMEL, Georg. *Goethe*. Buenos Aires: Nova Editorial, 1949, 312p.